



**Ambiente & Educação**  
Revista de Educação Ambiental

E-ISSN 2238-5533

Volume 25 | nº 2 | 2020

Artigo recebido em: 07/05/2018

Aprovado em: 29/03/2020

#### **Elisa Berlitz Ilha**

Bióloga, Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal (PPGBan/UFRGS); CECLIMAR/UFRGS.

#### **Camila Thiesen Rigon**

Bióloga marinha, Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (CECLIMAR); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

#### **Dandara Rodrigues Dorneles**

Bióloga, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/ UFRGS), CECLIMAR/UFRGS).

#### **Yuri Roxo de Camargo**

Biólogo, Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal (PPGBan/UFRGS), CECLIMAR/UFRGS

#### **Eunice Aita Isaia Kindel**

Docente, Departamento de Ensino e Currículo, Faculdade de Educação (FACED/UFRGS).

#### **Ignacio Benites Moreno**

Biólogo, Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (CECLIMAR); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## **PESCADORES E BOTOS: HISTÓRIAS DE UMA CONEXÃO EM REDE**

Fishermen and dolphin: a network connection history

### **Resumo**

*“Todo mundo deveria saber o que acontece aqui, sobre os botos e da pesca com eles. Saber como eles ajudam o pescador...”*. Com o objetivo de contribuir para a conservação da pesca cooperativa na Barra do Rio Tramandaí a partir de um instrumento didático, realizamos uma investigação qualitativa, que recorreu a abordagens do campo da antropologia visual (fotografia) e de relatos orais de métodos biográficos (histórias de vida/depoimentos). A interação entre essas estratégias permitiu a construção de uma exposição fotográfica itinerante, construída com curadoria dos próprios sujeitos que a significam. Enquanto a imagem parece capaz de valorizar os pescadores e sua prática cultural de forma estética, as narrações baseadas em histórias ampliam oportunidades de expressão e protagonismo destes pescadores artesanais.

**Palavras-chave:** Pesca Cooperativa. Pescadores artesanais. Botos. Educação Ambiental. Conservação.

## Abstract

This study aims at contributing to the conservation of the human–dolphin cooperative fishery in the Imbé/Tramandaí estuary, south Brazil. We used an educational, sensitizing tool to carry out a qualitative survey, based on both the visual anthropology approach (photography) and oral accounts of life stories/testimonials (biographical method). The combination of these approaches lead us to produce an itinerant photography exhibition exploring human–dolphin cooperative fishery, under curatorship of fishermen themselves. While photography enhances fishermen and their cultural practice aesthetically, biographical testimonials expands their way of expressing themselves and our and our ability to help preserve human-dolphin interactions.

**Keywords:** Cooperative fishing. Artisanal fishermen. Dolphin. Environmental education. Conservation.

## Introdução

O sul do Brasil é cenário de uma interação singular entre pescadores artesanais de tarrafa e botos, conhecida como pesca cooperativa. Nessa interação, botos e pescadores trabalham juntos na captura da tainha, de forma que ambos se beneficiam (SIMÕES-LOPES, 1991: p.87; PRYOR *et al.*, 1990: p.77). A pesca cooperativa ocorre principalmente na Barra do Rio Tramandaí, entre os municípios de Imbé e Tramandaí (Rio Grande do Sul), e no estuário do município de Laguna (Santa Catarina).

Na Barra do Rio Tramandaí, dezenas de profissionais dependem da pesca artesanal de tarrafa para o sustento de suas famílias e a parceria estabelecida com os botos os ajuda a obter melhores resultados na pesca (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998: p.719; ZAPPES *et al.*, 2011: p.431). A pesca cooperativa é uma prática tradicional, aprendida e transmitida entre as gerações de botos e de pescadores artesanais possuindo, assim, importância econômica e sociocultural (SIMÕES-LOPES, 1991, p.85; PETERSON *et al.*, 2008, p.470; ZAPPES *et al.*, 2011, p.431). Entretanto, essa interação ainda é pouco conhecida e corre risco de desaparecer: tanto os botos quanto os pescadores sofrem com diversos impactos que ameaçam a sua coexistência nas margens de um estuário cada dia mais urbanizado (FUJIMOTO, 2006, p.119; ZAPPES *et al.*, 2011: p.428).

Pescadores artesanais são reconhecidos como comunidades tradicionais, fazendo parte da sociobiodiversidade existente no Brasil

(DIEGUES, 2004, p.22; ROSA *et al.*, 2012, p.294). Ressalta-se, ainda, a seletividade da pesca artesanal de tarrafa na captura de tainhas, considerando esta como uma prática sustentável (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998, p.724). No entanto, devido às dificuldades associadas à profissão e a negligência de políticas públicas direcionadas ao setor artesanal, diversos pescadores são obrigados a abandonar sua profissão em busca de outras oportunidades de renda (BRANCO *et al.*, 2006, p.15; CAPELLESO & CAZELLA, 2011, p.15; PETERSON *et al.*, 2008, p.475). A desistência dos pescadores artesanais de suas práticas tradicionais leva não apenas a sua vulnerabilidade como a perda de riqueza e pluralidade sociocultural.

Atualmente, uma das formas de combater as desigualdades socioeconômicas e estimular a valorização de grupos culturais vulneráveis, é a Educação Ambiental (EA) (BRASIL, 2012, p.20). Ela apresenta-se como atividade intencional da prática social, imprimindo valores éticos e reflexões críticas sobre nossas ações no meio socioambiental (BRASIL, 2012, p.2). A EA contribui para a construção de práticas político-pedagógicas transversais e multidisciplinares, com capacidade de ampliar-se para além dos espaços de aprendizado convencionais e atingir a sociedade em geral (BRASIL, 2012, p.9; CARVALHO, 2012, p.26).

Uma prática ética de sensibilização pode ocorrer através da oportunidade de expressão às próprias comunidades tradicionais. Dar voz aos pescadores artesanais de tarrafa é uma possibilidade de apresentá-los como protagonistas de sua história, (re) conhecendo-os como parte da cultura regional através daquilo que os significa. Nesse sentido, buscamos realizar uma investigação e produzir um instrumento didático capaz de: resgatar a importância socioambiental desse grupo cultural; valorizar sua imagem, sua história e seu saber tradicional; promover o conhecimento e a sensibilização da população local e de turistas sazonais sobre a importância da pesca cooperativa no âmbito das práticas sustentáveis; e contribuir para a conservação do ecossistema da Barra do Rio Tramandaí.

As perguntas que orientaram nossas ações são: Como se forma a rede de interações entre os pescadores artesanais de tarrafa e os botos na Barra do Rio Tramandaí? O que suas histórias individuais podem nos contar sobre

coletividades? A fotografia pode retratar essa rede de conexões em seu espaço relacional? Qual o potencial sensibilizador dessas narrações e imagens em um instrumento didático que visa contribuir para conservação da pesca cooperativa?

### Considerações metodológicas

Foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, considerando processos e interações como histórias, significados e valores, que não podem ser reduzidos a variáveis numéricas (OLIVEIRA, 2012: p.14; GIL, 2007: p.117; SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009: p.32). A metodologia teve aportes em abordagens do campo da antropologia visual - a *fotografia* - e de relatos orais de métodos biográficos – *depoimentos* e *histórias de vida*. A interação entre essas estratégias permitiu a construção de um instrumento didático (exposição fotográfica itinerante), produzido a partir da curadoria dos sujeitos que o significam (pescadores artesanais de tarrafa). Os vínculos de confiança e o estreitamento das relações previamente consolidadas entre os pescadores artesanais de tarrafa e o Projeto Botos da Barra do Rio Tramandaí<sup>1</sup> foi o que permitiu a realização deste trabalho.

**Antropologia visual e o universo de olhares possíveis:** A fotografia na antropologia visual se manifesta inicialmente como processo de documentação e captação de dados *in vivo* (RODOLPHO et al., 1995: p.224). Os elementos não-verbalizáveis captados possibilitam uma reflexão mais aprofundada, e permitem que os códigos e signos que integram a vida da cultura registrada sejam acessíveis a um maior número de pessoas (GODOLPHIM, 1995: p.177; RODOLPHO et al., 1995: p.225; SAUTCHUK, 2014: p.183). A capacidade de comunicação da fotografia se desenvolve a partir do estreitamento de relações entre os integrantes da pesquisa; de forma a imprimir tanto a percepção das pesquisadoras<sup>2</sup> como a percepção que os próprios sujeitos têm sobre si (ampliação de campos de diálogo) (GODOLPHIM, 1995: p.183; TELES, 2002: p.101). Dada à interpretação

---

<sup>1</sup> O Projeto Botos da Barra do Rio Tramandaí é um projeto de pesquisa e extensão voltado à conservação e valorização da pesca cooperativa e seus atores na Barra do Rio Tramandaí. Os trabalhos são realizados no CECLIMAR/UFRGS.

<sup>2</sup> Devido ao maior número de pesquisadoras vinculadas a este trabalho, se manterá o gênero feminino para referir-se ao grupo de autoras/es.

adequada, a imagem pode agir ainda como instrumento de divulgação didático-acadêmico e socioeducativo (RODOLPHO et al., 1995: p.224).

**O espaço relacional e a fotografia:** A Barra do Rio Tramandaí é o ecossistema singular que propicia a rede de conexões entre botos e pescadores artesanais de tarrafa. A margem de Tramandaí (ao sul) foi preferencialmente frequentada durante a investigação por ser nessa margem que as interações melhor se consolidam: a areia se encontra diretamente com a água salobra da Barra, posicionando os pescadores mais próximos dos botos. A tainha pescada é depositada junto às bicicletas de cada um deles, enquanto os transeuntes acompanham o conjunto de movimentos decorrentes do *correr do boto*<sup>3</sup>. Quanto menor é o movimento na água – seja pela ausência de botos ou pela menor atividade dos cardumes de tainhas – maior é a presença dos pescadores na areia e, assim, aprendizados, diálogos e interações ocorrem de forma mais espontânea.

Duas características foram pré-definidas para as fotografias realizadas: a discricção dos indivíduos nas imagens, priorizando refletir identidades de grupo antes de eventuais aspectos singulares; e manter em primeiro foco pescadores artesanais de tarrafa profissionais (com Registro Geral de Pesca e Licença Ambiental em dia: Instrução Normativa MMA No. 17 de 2004). Objetivou-se assim, valorizar o trabalho e o conhecimento tradicional daqueles que dependem da pesca cooperativa. Todas as idas à Barra, além da câmera fotográfica, foram acompanhadas por um diário de campo. Cada vivência foi transcrita no mesmo dia em que ocorreu. Todos os sujeitos autorizaram participar da pesquisa e aparecer nas imagens a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

**Método biográfico e uma proposta híbrida entre depoimentos e histórias de vida:** Nossa metodologia centrou-se naquilo que foi escolhido pelos sujeitos para ser narrado a partir de sua memória. As reminiscências são significadas pelos códigos culturais compartilhados, podendo contar tanto histórias de ambientes como sobre coletividades (LISBOA, 2007: p.44; QUEIROZ, 1988: p.7; BLUME, 2006: p.9). A obtenção de dados biográficos a

---

<sup>3</sup> *Correr o boto* é a forma como os pescadores se referem ao ato da pesca com os botos.

partir das *histórias de vida*<sup>4</sup> é caracterizada principalmente pela atitude das pesquisadoras, que devem dirigir o colóquio sutilmente, permitindo que os narradores definam o que contarão em seu relato (QUEIROZ, 1988: p.8). Pesquisadoras devem ouvir mais do que intervir, encontrando o que desejam de modo indireto (LISBOA, 2007: p.51; QUEIROZ, 1988: p.7). Ademais, é requerida uma maior convivência entre os integrantes da pesquisa, uma vez que dificilmente os narradores poderão expressar tudo sobre si, sua cultura e seu meio socioambiental em um curto período (LISBOA, 2007: p.51; QUEIROZ, 1988: p.7). Já nos *depoimentos* e outras formas de entrevistas, o tempo designado pode ser menor, sendo plausível obter todos os dados em apenas um encontro. Estes costumam ser conduzidos de forma diretiva, por meio de perguntas que enquadram uma ordem, limitando os narradores a expressar-se apenas sobre aquilo que lhes é solicitado (LISBOA, 2007: p.51; QUEIROZ, 1988: p.8).

Ponderamos sobre uma hibridização entre *depoimentos* e *histórias de vida* uma vez que, apesar de conduzir os encontros centrados na escuta, realizamos apenas um colóquio individual com cada pescador. Quatro eixos centrais conduziram essa investigação, de forma a auxiliar na condução dos colóquios: a) Como se tornou um pescador; b) Trajetórias e transmissão; c) Barra e botos; d) Pesca. No entanto, caso se afastassem desses eixos, os pescadores não eram trazidos de volta para eles: conhecê-los através do que escolhiam narrar também é importante. Assim, apesar de poucas ocasiões de pergunta-resposta, na maior parte das vezes pudemos coletar relatos de *histórias de vida* derivados de narrações espontâneas<sup>5</sup> (LISBOA, 2007: p.52). Consideramos colóquios formais as entrevistas individuais marcadas; e colóquios informais as conversas espontâneas que ocorreram no decorrer da investigação.

---

<sup>4</sup> Na busca de referenciais teóricos que vinculassem *histórias de vida* à EA, nos apoiamos em dois trabalhos que nos orientaram e contribuíram para nossos objetivos: Lisboa (2007), em que a abordagem de *histórias de vida* também não pôde ser seguida de forma estrita, nos fazendo recorrer ao *lato sensu*; e Lisboa (2013), onde os discursos individuais revelaram trajetórias de vida vinculadas a uma história ambiental repleta de coletividades.

<sup>5</sup> Os colóquios informais contribuíram para a metodologia e para a análise *a posteriori* tanto como os colóquios formais, de modo que consideramos ter nos aproximado mais das *histórias de vida* do que de *depoimentos*.

Nove pescadores artesanais de tarrafa contribuíram com esse trabalho<sup>6</sup>. Os colóquios formais foram realizados em suas casas ou na Barra (devido à importância do local para a rememoração e de acordo com a escolha deles), sendo apenas uma realizada no CECLIMAR. As duas primeiras entrevistas foram gravadas, sendo o gravador deixado de lado no decorrer do trabalho. Para assegurar que as transcrições tivessem o mesmo seguimento do colóquio, anotações foram realizadas funcionando como um roteiro que auxiliou na transcrição correta da coleta de dados (GIL, 2002: p.117). O tempo de cada entrevista variou de acordo com as interações cooperativas entre os integrantes da pesquisa e os demais afazeres dos pescadores (variando entre 1h-3h).

**Curadoria da exposição fotográfica itinerante:** De forma isolada uma fotografia dificilmente poderá propor uma interpretação completa do que representa, uma vez que cada sujeito que a confronta irá apresentar uma mirada única, de acordo com suas vivências e saberes (GODOLPHIM, 1995: p.165). Ao articular à fotografia às legendas, principalmente quando estas também são dotadas de significações, o conjunto ganha sentido e possibilita uma reflexão crítica (GODOLPHIM, 1995: p.174; RODOLPHO *et al.*, 1995: p.225). Ao exibir nas legendas expressões dos próprios sujeitos que constituem as imagens, esse recurso também pode confrontar o público que a vê, atuando de forma transformadora. Para garantir a significação adequada de nossa exposição fotográfica itinerante, as fotografias e os trechos de narrações uma vez pré-selecionados por nós, foram apresentados aos sujeitos de forma que eles pudessem decidir quais imagens e legendas os representam e os significam enquanto pescadores artesanais de tarrafa da Barra do Rio Tramandaí.

Das 2.472 imagens produzidas (E.B. Ilha; Nikon D7000; 18-200mm f/3.5-5.6.), 85 foram apresentadas para os pescadores<sup>7</sup>. Já em relação às narrações, semelhanças foram encontradas nos discursos individuais, de forma

---

<sup>6</sup> Realizamos colóquios formais com sete, enquanto os outros dois puderam contribuir com os colóquios informais e com a etapa de curadoria da exposição fotográfica.

<sup>7</sup> Com o desenrolar das narrativas percebeu-se a dificuldade de desassociar os pescadores dos botos, de forma que tivemos que recorrer ao banco de imagens do Projeto Botos da Barra e agregar dez fotografias com botos em primeiro foco para apresentar aos pescadores junto às demais (autoria I.B. Moreno).



que foi possível ordená-las por categorias que os representam de forma coletiva<sup>8</sup>. Essas categorias geraram interpretações que conduziram a categorias de análise, sendo elas: 1) Conhecimento tradicional; 2) Importância do boto para a pesca; 3) Relação afetiva do pescador com os botos; 4) Consciência ambiental e conhecimento biológico; 5) A pesca ontem e hoje; e 6) *Ethos*: Ser pescador. A partir desses *pontos em comum*, dois critérios foram adotados para a pré-seleção dos trechos: narrativas que pudessem ter sido ditas por qualquer um deles (de forma a contar uma história coletiva) e trechos que pudessem sensibilizar futuros/as observadores da exposição fotográfica.

Cada pescador escolheu quatro fotografias para a exposição. Os trechos das narrativas foram exibidos para eles nas categorias, de forma que também pudessem perceber as semelhanças existentes entre seus discursos individuais. A devolução das imagens aos informantes funciona como meio de retribuição na manutenção de vínculos; e permite a expressão da memória e das reflexões dos sujeitos sobre as imagens, valorizando o diálogo, ampliando a comunicação e a capacidade de interpretação das fotografias (GODOLPHIM, 1995: p.174; TELES, 2002: p.90).

## Resultados e discussão

**Análise das narrativas verbais e não verbais: o que compõe uma história coletiva?** Entre os pescadores artesanais de tarrafa entrevistados, todos são constituídos pelo **conhecimento tradicional**, atribuído ao saber e saber-fazer acerca do meio socioambiental de inserção, transmitido principalmente de forma oral entre gerações (DIEGUES, 2000: p.30; LIMA, 2009: p.3). Sobre o ato da pesca em si ou sobre a produção e a manutenção das tarrafas, esse conhecimento foi obtido de forma perceptual, junto a seus pais e/ou pescadores mais antigos (Figuras 1)<sup>9</sup> (CUNHA, 2007: p.77). A Barra apresenta-se assim como espaço relacional, onde as interações entre

---

<sup>8</sup> Devido à extensão do dado gerado pelas narrativas, esse resultado não pôde ser aqui apresentado. Transcrições na íntegra ordenadas pelas categorias são encontradas na sessão de resultados do Trabalho de Conclusão de Curso de mesmo título, disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/170289>.

<sup>9</sup> Sobre os trechos apresentados junto às imagens: entre “aspas” narrações transcritas exatamente como foram ditas, enquanto as demais são resultantes das transcrições a partir do roteiro auxiliar.



sociedade, cultura e bases físicas e biológicas dos processos se relacionam de forma dinâmica (CARVALHO, 2012: p.37; LIMA, 2009: p.5).



“É pescador quem sobrevive da pesca. Quem tem conhecimento da pesca é aquele que está lá dia-a-dia”. “Nasci na beira da praia, nasci na beira do rio. E aí, o dia inteiro boto aí no rio, vendo o pai pescando e eu fui aprendendo...”, “Tudo que eu sei sobre a pesca, aprendi com meu

**Figura 1:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.

Tanto os sujeitos-narradores que nasceram na região quanto aqueles que vieram de outras cidades do sul do Brasil, todos aprenderam a pescar quando a Barra era ainda “só pescador e areia”. O espaço predominado por ranchos de pescadores favorecia e fortalecia a manutenção do conhecimento tradicional. As percepções adquiridas a partir de vivências pessoais, potencializadas pela troca do conhecimento com aqueles que possuíam maior experiência, transformaram esse saber em uma memória coletiva, que se reproduz até hoje no cotidiano de cada sujeito ali inserido. Com a facilitação do acesso à região e o crescente aumento sazonal da população, os ranchos foram substituídos por casas de veraneio e por um ambiente predominantemente urbano (FUJIMOTO et al., 2006: p.101). Alguns pescadores que possuíam casas em áreas de dunas tiveram suas residências desapropriadas, sendo transferidos para zonas mais periféricas (SOARES, 2002: p.32). É possível considerar que, ao perder tal espaço como local de comunidade de pesca, bases da memória coletiva possam ter sido perdidas e, conseqüentemente, apresentar risco de desaparecer (Figura 2).



Aprende a pescar com os pescadores antigos da Barra, como por exemplo, o falecido Prezalino, que era um pai para eles na Barra, “não tinha gente como ele”.

A pesca é sua profissão, está lá na Barra sempre é que possível. Todos os dias vai até a Barra para tentar sobreviver da pesca, mas isso nem sempre é possível...

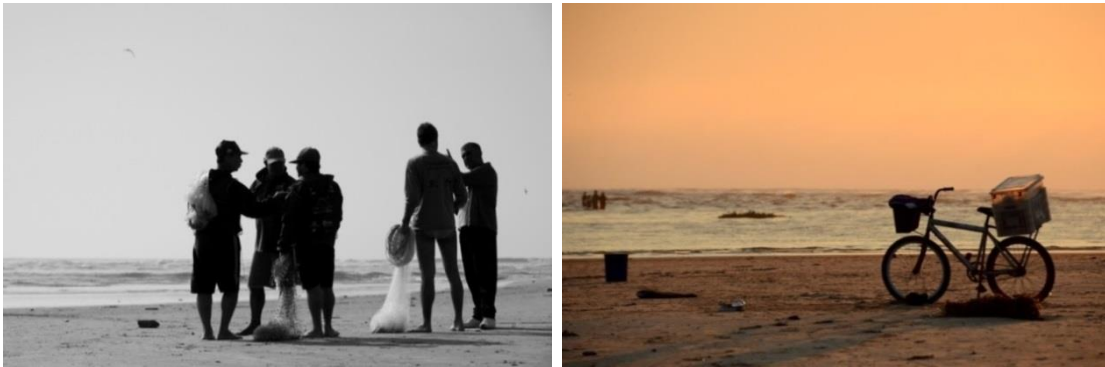
**Figura 2:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.

Embora alguns pescadores ainda residam na Barra, os sujeitos-narradores de forma geral passaram a integrar as cidades que se apresentam para eles como espaço de vendas a partir de sua produção autônoma<sup>10</sup>. Quando as vendas não ocorrem diretamente na Barra, elas são realizadas através de relações de compadrio (isto é, vende-se para um vizinho, um freguês já conhecido, um amigo), como também é visto em outros grupos tradicionais próximos a centros urbanos (DIEGUES, 2004: p.115; LIMA, 2009: p.6). A pesca artesanal de tarrafa tem por base a utilização de mão-de-obra da própria família. Alguns pescadores afirmam que os filhos e/ou as companheiras participam do processo, sendo inclusive duas delas pescadoras de profissão: “*o que ela faz, é pesca (...)*”, refere-se ao fato que limpar o peixe, arrumar as redes, fazer as redes, organizar o pescado, é tão pesca quanto quando ele está efetivamente pescando. Os demais consideram processar os pescados sozinhos ou com a ajuda dos filhos, uma vez que suas companheiras têm outras profissões ou são divorciados.

Outra ameaça à continuidade da pesca cooperativa, aparece nos relatos que apontam o desinteresse por parte dos mais jovens em ter a pesca

<sup>10</sup> Entre os sujeitos-narradores, todos obtêm seu sustento da pesca realizada principalmente na Barra. De forma complementar, pescam na ponte Giuseppe Garibaldi e nas lagoas ao redor ou até realizam viagens de pesca para o Sul do Estado. A arte de pesca à qual se dedicam é a pesca artesanal de tarrafa, com ênfase na pesca cooperativa, utilizando outras artes de forma complementar.

artesanal como profissão e em aprender a partir do conhecimento tradicional: *“Mas é difícil, eles acham que sabem, que do jeito que eles estão fazendo está certo, é difícil eles aceitarem. A maioria acha que cada um pega de um jeito, sabe?”*. Isso revela outra característica da sociedade contemporânea, onde o acesso ao conhecimento é dado de outras formas que não a oralidade entre familiares e pares. Ainda, essa falta de interesse também pode refletir as dificuldades associadas à profissão e aos desafios diários em exercê-la em condições adversas. Pelas mesmas razões, os sujeitos-narradores que têm filhos/as não os/as incentivam a serem pescadores/as e trabalham arduamente para que eles/as possam estudar e optar por outras profissões (Figura 3).



Ensinou tudo sobre as tarrafas e sobre como trabalhar com as redes para a família. Desde quando moravam todos juntos até hoje, todos na casa ajudam com as redes e nos demais trabalhos referentes a pesca. Trabalham bastante juntos, todos ajudam em casa. Mesmo assim, incentivou os filhos a estudarem e terem outras profissões. Não queria que fossem pescadores.

**Figura 3:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.



*“Todo trabalho é bom, se a pessoa gosta do que faz. É como tu me perguntou, como tu começou a pescar: porque eu gosto. Desde que comecei a pescar, comecei a gostar, fui me aperfeiçoando. Fui aprendendo com os outros, os mais antigos e, porque gosto mesmo.”*

**Figura 4:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.

Contudo, eles mesmos não escolheriam outra profissão para si (Figuras 4 e 5). **Ser pescador é ethos<sup>11</sup>** de cada um dos sujeitos-narradores: a pesca significa o dia-a-dia, o conjunto de hábitos e costumes de seus cotidianos, representam suas ações, comportamentos, cultura, valores e crenças, agrupando-os assim em um grupo de pertencimento (DIEGUES, 2000: p.22; DIEGUES, 2004: p.128; LIMA, 2009: p.7).



Ama o que faz. Às vezes, escuta que deveria largar a pesca, que poderia fazer outra coisa. Mas não larga a pesca, ama o que faz. Apesar de gostar de pescar de tarrafa, gosta mesmo é de pescar de tarrafa com os botos. Dá para pescar sem eles, vem peixe, mas que gosta mesmo é da correria com o boto, da sensação e da adrenalina que dá, e também porque rende muito mais peixe.

**Figura 5:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.

Todas as narrações apontaram para as dificuldades que obrigam os pescadores profissionais a buscar outras oportunidades de renda, a partir de atividades que possam conciliar com a pesca (“*bicos*”), e que são realizadas apenas quando a pesca não é possível. Esse contexto demonstra uma importante diferença na pesca no decorrer dos anos, um **ontem e hoje<sup>12</sup>** alterado por uma série de consequências que dificultam a existência da pesca artesanal enquanto atividade econômica e prática cultural (Figura 6). Entre os principais fatores apontados por eles como causadores da diminuição da

<sup>11</sup> O orgulho que os pescadores artesanais de tarrafa têm de sua profissão também é refletido nas fotografias: além de preferirem serem fotografados enquanto trabalham, as fotografias escolhidas por eles refletem o quanto são bons em sua profissão, exibindo quantidades de tainhas pescadas e tarrafas bem lançadas; além dos objetos que utilizam, como as bicicletas que são seu meio de transporte diário.

<sup>12</sup> Essas narrações fizeram denúncias do presente se sobressair às histórias do passado, destacando dificuldades e injustiças do cotidiano e produzindo um discurso que aponta para as transformações da realidade. A compreensão de quais são as principais forças propulsoras de ordem social e econômica que penetram nessa comunidade e atuam direta ou indiretamente, auxiliam a entender as modificações culturais que vêm ocorrendo nas últimas décadas e quais são suas possíveis consequências (DIEGUES, 2004; FONSECA, 2007).



quantidade de recurso e do tamanho dos peixes pescados (os *peixinhos*<sup>13</sup>) estão: a rede aviãozinho (usada para a pesca de camarão), as redes ilegais de pesca e as redes utilizadas na pesca de escala industrial (arrasto e cerco). Os sujeitos-narradores exibem também, uma **consciência ambiental** excepcional acerca do que é preciso para a manutenção sustentável dos recursos coletados por eles (Figura 7). A seletividade das tarrafas é destacada nas narrativas, reforçando a qualidade dessa arte de pesca enquanto prática sustentável.



"Corvininha, bagrinho, peixinho miúdo, ficam tudo preso no aviãozinho". Que com a tarrafa é diferente, "tu vê peixe pequeno na tarrafa e tu joga fora" - ressaltou, joga de volta para a água! - "peixinho miúdo a gente devolve para o mar, porque tem que deixar o peixe crescer". "Do jeito que tá, pescador tem que trabalhar em outra

Os peixinhos morrem pelo aviãozinho na lagoa e que pequenos eles não tem como se criar: "é que nem matar uma mulher grávida, se tu mata a mãe, tu mata o filhote também e acaba com tudo". "Quantos milhões de peixes deixam de reproduzir?"; "Onde depreda eu sou inimigo!".

**Figura 6:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.

<sup>13</sup> Indivíduos não adultos de espécies comuns na região que, devido a pouca seletividade desses tipos de redes (aviãozinho, arrasto e cerco), ficam presos acabando por morrer ou por serem descartados devido à falta de interesse comercial em indivíduos pequenos. Dessa forma a capacidade reprodutiva das espécies e a manutenção das populações são prejudicadas, além de outros danos ambientais causados pelo arraste, como a suspensão de sedimentos e a captura de espécies não visadas que são posteriormente descartadas.



“É assim, se a gente não cuidar tudo vai terminando”. Tinha muito mais peixe antes, tudo anda terminando: “por sorte, quando tem botinho, ajuda”.

Não adianta proibir as tainhas para preservá-las. “Para ter peixe sempre, é preciso definir uma malha correta para pescar a tainha, que só pegasse tainhas grandes. Isso ajuda bem mais a preservar as tainhas do que proibir a pesca delas”.

**Figura 7:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.

Diversas narrativas revelam outras duas características desse grupo: a **relação afetiva construída com os botos** e o entendimento da **importância do boto para a pesca** (Figuras 8 e 9). Apesar de também pescarem sem os botos, os discursos destacam uma maior eficiência da pesca quando ela é realizada junto com os golfinhos (Figura 10): “O boto ajuda o pescador porque é esperto. Principalmente quando água está clara e que a tainha vê melhor, ela entra na beirada para fugir dos botos. É mais fácil pegar o peixe com o boto”, conta que uma vez, anos atrás, jogou a tarrafa quando o boto sinalizou e pescou 42 tainhas de uma vez só. O aumento da captura de tainhas resultante dessa cooperação é provavelmente o que proporciona essa relação afetiva: “*O boto aqui é que nem um irmão para nós*”.



“Todo mundo deveria saber o que acontece aqui, sobre os botos e da pesca com eles. Saber como eles ajudam o pescador...”

“O boto é tudo para nós aqui na Barra. Já salvou muito a comida na panela.”

**Figura 8:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.



“Com o boto é mais fácil, o boto aperta o peixe, agrupa mais os cardumes em direção à margem, aos pescadores”. Tem dias que é uma correria. Antigamente era mais, agora nem tanto, depende do dia. O boto Lobisomem era muito rápido. Ele mudava o lado da Barra muito rápido, entrava e saía: “com ele sim a gente corria demais”.

**Figura 9:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.

Os sujeitos-narradores atribuem parte da sua sobrevivência e o que adquirem para a subsistência de suas famílias, à relação que construíram com os botos durante os anos de pesca na Barra. Eles reconhecem cada boto pela forma de pescar – o *jeitão* de mostrar o peixe - e identificam as relações genealógicas entre os golfinhos. Eles reconhecem tão bem os botos, quanto se reconhecem entre si pela maneira de jogar as tarrafas.





“Se nós não temos os botos aqui, nós não teríamos mais a pesca na Barra. Uma coisa é certa, isso eu tenho certeza. Porque o peixe vem e desce pelo meio do rio, e no meio do rio não se pode tarrafejar. Se não houvesse boto, não haveria pesca.”

**Figura 10:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.

A prática de dar nome aos botos demonstra os vínculos e o afeto estabelecido pelos pescadores, que acreditam que os botos também os reconhecem (Figuras 11 e 12). Os nomes refletem características encontradas por eles para distinguir os botos, e poucas vezes são referentes às nadadeiras dorsais, característica utilizada no conhecimento científico para reconhecer individualmente cada golfinho. De acordo com suas vivências individuais e com a época em que cada sujeito começou a pescar, eles demonstram laços diferentes com cada boto (Figuras 11, 12 e 13). Sabe-se que a interação entre pescadores artesanais de tarrafa e os botos ocorre há pelo menos 60 anos. No entanto, não é consenso entre eles se os botos já entravam na Barra quando ela ainda não era fixada entre os municípios de Imbé e Tramandaí. A fixação ocorreu na década de 60 com a construção dos molhes de Imbé, e os sujeitos-narradores começaram a pescar após a barra ser consolidada (SOARES, 2002, p.34).



“Todos botos são bons, todos correm bem.”; “Tinha a Manchada, a Manchada que é a mãe O melhor boto para “pescar junto” é a Geraldona, “sempre a Geraldona”.

da Geraldona, melhor bota fêmea que teve para nós foi a Manchada. Bah, a produção dela foi, nossa. Era uma bota grande também.”

**Figura 11:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.



Bom mesmo é pescar com os quatro botos que estão sempre ali: a Rubinha, o Chiquinho, o Coquinho e o Bagrinho. Já os botinhos novos, ainda são difíceis de dar nome porque são todos iguais, ainda não têm marcas no corpo.

**Figura 12:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações

“Eu acho que os botos conhecem, conhecem todos nós. Conhecem mais aqueles que estão todo o dia ali, tem uns pescadores que são muito conhecidos por eles.”



“Tem uma tarrafa que eu fiz lá em casa, para pegar com o Lobisomem. Uma tarrafa bem pesada assim, porque ele tirava o peixe da tarrafa. É. Uma tarrafa de argola, porque ele entrava e saía com uma tainha na boca. Eu vi um monte de vezes, ele entrava e fazia assim com o rabo. Eu vi várias vezes ele fazer isso aí. A natureza é fantástica, né? Ele levantava o chumbo, ele entrava por baixo e saía assim. Milésimos de segundos. Eu não sei, como que consegue pegar né? Ele entrava por baixo e pegava a tainha. A natureza é fantástica, não tem, não tem”.

“Tem uma tarrafa que eu fiz lá em casa, para pegar com o Lobisomem. Uma tarrafa bem pesada assim, porque ele tirava o peixe da tarrafa. É. Uma tarrafa de argola, porque ele entrava e saía com uma tainha na boca. Eu vi um monte de vezes, ele entrava e fazia assim com o rabo. Eu vi várias vezes ele fazer isso aí. A natureza é fantástica, né? Ele levantava o chumbo, ele entrava por baixo e saía assim. Milésimos de segundos. Eu não sei, como que consegue pegar né? Ele entrava por baixo e pegava a tainha. A natureza é fantástica, não tem, não tem”.



O avô já pescava com os botos, "isso é coisa antiga". "Se eu já pesco com os botos há mais de 30 anos... os botos são muito mais antigos aqui”.

**Figura 13:** Fragmentos exposição: fotografias e narrações

Os pescadores artesanais de tarrafa, assim como outros grupos que possuem conhecimentos tradicionais, apresentam um amplo **conhecimento biológico** sobre o seu espaço relacional. É, em diversas significações, a apresentação desses pescadores como *sujeitos ecológicos*, isto é, sujeitos que possuem uma existência ecologicamente orientada, que compreendem e discutem os dilemas que surgem em seu contexto socioambiental, apontando para a possibilidade de um mundo mais justo e sustentável (CARVALHO, 2012: p.65). As atitudes que orientam as decisões e os posicionamentos dos *sujeitos ecológicos* em seu espaço relacional são dadas de forma a respeitar a diversidade, compartilhar as experiências vividas e agir cooperativamente, de forma a *historicizar* as relações entre o grupo e o ambiente, resgatando também uma história ambiental (Figura 14) (CARVALHO, 2012: p.36; LEFF,

2001: p.400; LISBOA, 2007: 33; PEREIRA & DIEGUES, 2010: p.41; CUNHA, 2007: p.81).



"No dia-a-dia aprendi sobre esse lugar", todo o dia vai até lá ver como a pesca está. "Reconheço cada boto, assim como reconheço cada pescador".

**Figura 1.** Fragmentos exposição: fotografias e narrações.

**Educação Ambiental e histórias de uma conexão em rede:** O amplo poder comunicativo e transformador das imagens é cada vez mais discutido em práticas de EA (SILVERA & ALVES, 2008). Entretanto, nesse trabalho, a imagem isolada não teria o mesmo potencial reflexivo e socioeducativo. Enquanto a fotografia é capaz de suscitar a curiosidade e produzir a valorização positiva sobre os pescadores e sua prática cultural de forma estética, as narrativas apresentam também a oportunidade de confronto com a realidade atualmente experimentada pelos pescadores artesanais de tarrafa. As narrações apresentaram reminiscências saudosas referentes à fatura de um ambiente outrora preservado, fragmentadas pela memória e/ou alteradas por mudanças de ordem socioeconômica (FONSECA, 2007: p.16). A possibilidade de escutar diretamente de suas vozes sobre as dificuldades que enfrentam, também nos confronta e nos movimenta: é através dessas narrativas que podemos caminhar na direção de ações que conduzam a conservação da pesca cooperativa, de forma a romper a homogeneidade



produzida pelas culturas dominantes e a permitir expansão de conhecimentos tão importantes quanto aquele dito científico (BLUME, 2006: p.8; CUNHA, 2007: p.78).

A curadoria da exposição, a etapa mais importante na construção do instrumento didático, criou um espaço de fala e decisão por parte dos pescadores. Deste modo, ampliou-se a possibilidade de compreensão acerca da rede de conexões existente, significando as interações nesse espaço relacional e envolvendo inclusive os objetos que participam dessa prática cultural (bicicletas e tarrafas). Assim, não apenas o nosso aprendizado sobre quem são e o que os significa foi enriquecido, como a própria exposição fotográfica foi ressignificada entre os códigos e signos que integram a pesca cooperativa (GODOLPHIM, 1995: p.174). Os trechos e as imagens articuladas estabeleceram uma ponte que une a expressão do vivido de um grupo social que tem historicidade própria e singular (GODOLPHIM, 1995: p.172). As narrações auxiliaram a capturar a riqueza cultural apresentada pelas imagens, pautando-se no reconhecimento da sua unicidade. Dessa forma, apesar de as falas serem sempre relativas a um sujeito, elas expressam tendências comuns desse grupo social e juntas têm potencial de contar uma história coletiva (LISBOA, 2007: p.50; QUEIROZ, 1988: p.7).

Diante das dificuldades vivenciadas pelas comunidades tradicionais que, em face das práticas culturais sobre as quais são edificadas, sofrem as transformações decorrentes dos modelos dominantes e de poder, é fundamental ressaltar o papel da educação no combate às desigualdades sociais e à perda de pluralidade cultural (FONSECA, 2007: p.14; CUNHA, 2007: p.78). Em relação à intenção ética da EA em práticas que envolvam grupos culturais, destaca-se a importância das/os educadoras/es ajudarem a fazer com que a voz desses grupos seja ouvida e valorizada, sem apropriar-se dela (BLUME, 2006: p.8). Instrumentos socioeducativos que expressem a voz de comunidades tradicionais em espaços democráticos têm também o potencial de contribuir para uma prática político-pedagógica transformadora e emancipatória, de forma que também atuem como um posicionamento político (BLUME, 2006: p.9;).

A empatia se constrói no reconhecer do outro: é assim que a conservação, vista como um ato político alcança o campo educativo, afetivo e efetivo. Os pescadores artesanais de tarrafa da Barra do Rio Tramandaí, representam um grupo social singular em nosso país, capaz de utilizar e conservar a biodiversidade, contribuindo para a sustentabilidade socioambiental da região. Mais do que isso, esses *sujeitos ecológicos* mantêm a existência da Barra enquanto espaço relacional e ajudam na conservação de outro grupo que ali habita: os botos da barra (*Tursiops gephyreus*; WICKERT et al., 2016). É a presença de sua prática e de sua memória coletiva que faz da Barra um ecossistema também singular. Sua apropriação com o território é subsidiada por seus usos e costumes e baseada nas relações humanas e não humanas edificadas de forma cultural (LIMA, 2009: p.4). Os pescadores artesanais de tarrafa da Barra do Rio Tramandaí também nos ensinam sobre respeito e cooperação. Ao fim, dar voz a eles, mais do que ouvir histórias, foi ampliar sua oportunidade de expressão e, assim, poder direcionar nossas ações em base as suas demandas (BLUME, 2006: p.9).

Até o momento da publicação, a exposição fotográfica itinerante “*Pescadores e Botos: Histórias de uma Conexão em Rede*” já ocorreu em espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (e.x.: saguão da Reitoria e Campus do Vale); no Parque Farroupilha em Porto Alegre; na Feira Nacional do Peixe em Tramandaí; entre outros. Ela seguirá percorrendo espaços públicos diversos, divulgando a história da pesca cooperativa a partir da expressão de seus protagonistas, visando contribuir para a conservação dessa importante relação entre pescadores artesanais de tarrafa e botos.

## Referências

BRANCO, J.O.; BAIL, G.C.; VERANI, J.R.; MARENZI, A.C. “Aspectos socioeconômicos da pesca artesanal do camarão sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*), na região de Penha, SC.” In: Branco, J.O.; Marenzi, A.W.C. **Bases ecológicas para um desenvolvimento sustentável: estudos de caso em Penha, SC.** Itajaí, Editora da Univali, p.253-268, 2006.

BRASIL. 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental.** Resolução N°2, jun/2012. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. Resolução CNE/CP 2/2012. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 70.

BRASIL. 2004. **Instrução normativa MMA N° 17,** de 17 de outubro de 2004.

BLUME, L.H.S. “Histórias de pescador: cotidiano, memória e experiências de pescadores em Ilhéus, 1960-2004. Anotações para um debate em torno da memória popular, ética e história oral.” **Anais do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade.** Caetité, 3: 1-10, jun/2006.

CAPELLESO, A.J.; CAZELLA, A.A. “Pesca artesanal entre crise econômica e problemas socioambientais: estudo de caso nos municípios de Garopaba e Imbituba (SC)”. **Ambiente & Sociedade,** 14(2): 15-33, jul-dez/2011.

CARVALHO, I.C.M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo, Cortez Editora, 2012.

CUNHA, M.C. “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”. **Revista USP.** São Paulo, 75: 76-84, set-nov/2007.

DA SILVEIRA, L.S.; ALVES, J.V. “O uso da fotografia na Educação Ambiental: tecendo considerações”. **Pesquisa em Educação Ambiental,** 3(2): 125-146, set/2008.

OLIVEIRA, C.L. “Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características.” **Travessias: Educação, Cultura, Linguagem e Arte.** Cascavel, 2(3): 1-16, set/2008.

DIEGUES, A.C.S.; VIANA, V.M. **Comunidades Tradicionais e Manejo dos Recursos Naturais da Mata Atlântica.** São Paulo, Hucitec: NUPAUB-USP: CEC, 2004.

FONSECA, A.C.M. *Histórias de pescador: as culturas populares nas redes das narrativas.* Natal, IFRN Editora, 2009.

FUJIMOTO, N.S.V.M.; STROHAECKER, T.M.; GRUBER, N.L.; KUNST, A.V.; FERREIRA, A.H. “Litoral norte do estado do Rio Grande do Sul: indicadores socioeconômicos e principais problemas ambientais”. **Desenvolvimento e Meio Ambiente,** 13: 99-124, jan-jun/2006.



GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas, 2002.

GODOLPHIM, N. "A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica". **Horizontes Antropológicos**, 1(2): 161-185, jul-set/1995.

LEFF, E. 2001. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

LIMA, W.C.R. "Saber tradicional: suporte para o exercício da territorialidade de uma comunidade no estuário amazônico." **Revista Ensaio Geral**, 1(1): 1-13, jan-jun/2009.

LISBOA, C.P. **(Re)contando histórias: o ambiente tematizado a partir dos itinerários de vida**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LISBOA, C.P. **Itinerários de Catadores: (des)encontros com o campo ambiental**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PEREIRA, B.E.; DIEGUES, A.C. "Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação". **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, 22: 37-50, jul-dez/2010.

PETERSON, D.; HANAZAKI, N.; SIMÕES-LOPES, P.C. "Natural resource appropriation in cooperative artisanal fishing between fishermen and dolphin (*Tursiops truncatus*) in Laguna, Brazil." **Ocean & Coastal Management**, 51(6): 469-475, abr/2008.

PRYOR, K.; LINDBERGH, J.; LINDBERGH, S.; MILANO, R. "A dolphin-human fishing cooperative in Brazil." **Marine Mammal Science**, 6(1): 77-82, jan/1990.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos Oraís: do "indizível" ao "dizível". In: **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**, Simon, O.M.V. São Paulo, Edições Vértice, p.14-43, 1988.

RODOLPHO, A.; ECKERT, C.; GODOLPHIM, N.; ROSA, R. "A experiência do Núcleo de Antropologia Visual – UFRGS". **Horizontes Antropológicos**, 1(2): 221-230, jul-set/1995.

ROSA, A.R.; ZAPPES, C.A.; DI BENEDITTO, A.P. "Etnoecologia de pequenos cetáceos: interações entre a pesca artesanal e golfinhos no norte do estado do Rio de Janeiro, Brasil." **Biotemas**, 25(3): 293-304, set/2012.

SAUTCHUK, C.E. "Flor d'água: Fotografia e etnografia". **Revista de Antropologia e Arte**, 5:1-15, fev/2014.

SILVEIRA, D.T.; CÓRDOVA, F.P. Tipos de pesquisa. In: **Métodos de pesquisa**, Gerhardt, T.E.; Silveira, D.T (org). Porto Alegre, Editora da UFRGS, 31-42p., 2009.

SIMÕES-LOPES, P.C. "Interaction of coastal populations of *Tursiops truncatus* (Cetacea: Delphinidae) with the mullet artisanal fisheries in Southern Brazil." **Biotemas**, 4(2): 83-94, 1991.

SIMÕES-LOPES, P.C.; FABIAN, M.E.; MENEGHETI, J.O. Dolphin interactions with the mullet artisanal fishing on southern Brazil: a qualitative and quantitative approach. **Revista Brasileira de Zoologia**, 15(3): 709-726, 1998.

SOARES, L.S. **Imbé - Histórico/Turístico**. Tramandaí, Editora Evangraf Ltda, 2002.

TELES, A. **Sereias e Anequins**: uma etnografia visual com um grupo de pescadores artesanais da Barra da Lagoa, Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

ZAPPES, C.A.; ANDRIOLO, A.; SIMÕES-LOPES, P.C.; DI BENEDITTO, A.P.M. "Human-dolphin (*Tursiops truncatus* Montagu, 1821) cooperative fishery and its influence on cast net fishing activities in Barra de Imbé/Tramandaí, Southern Brazil". **Ocean & Coastal Management**. 22(54): 427-432, fev/2011.

WICKERT, J.C.; VON EYE, S.M.; OLIVEIRA, L.R.; MORENO, I.B. "Revalidation of *Tursiops gephyreus* Lahille, 1908 (Cetartiodactyla: Delphinidae) from the southwestern Atlantic Ocean". **Journal of Mammalogy**, xx(x):1-10, set/2016.